

O camponesinho

Existiu, uma vez, uma aldeia cujos aldeões eram todos ricos, exceto um a quem chamavam o camponesinho. O pobre não possuía de seu nem sequer uma vaca e muito menos dinheiro para comprá-la, embora ele e a mulher a desejassem muito. Certo dia, disse ele à sua mulher:

- Escuta, tenho uma boa ideia: nosso compadre o marceneiro, poderia fazer um bezerrinho de madeira e envernizá-lo de marrom, de maneira que ficasse parecido com os outros; com o tempo ele cresceria e se tornaria uma vaca.

A mulher, também, achou a ideia excelente e o compadre marceneiro desbastou e aplainou o bezerro, envernizou-o como devia; fê-lo mexer a cabeça como se estivesse comendo.

No dia seguinte, à hora de levar o gado a pastar, o camponesinho chamou o pastor e lhe disse:

- Escuta aqui, eu tenho um bezerrinho, mas é ainda muito pequenino e precisa ser carregado nos braços.

- Está bem! - disse o pastor. Pegou o bezerrinho, carregou-o nos braços e deixou-o sobre a grama.

O bezerrinho ficou lá parado o tempo todo, como um dois de paus e parecia estar comendo sem parar; o pastor então disse:

- Esse aí crescerá depressa! Veja só como come!

À tarde, na hora de reconduzir a manada de volta, o pastor disse ao bezerro:

- Já que pudeste ficar aqui enchendo o papo, acho que podes também andar com tuas pernas; eu não tenho vontade alguma de carregar-te nos braços até casa.

O camponesinho estava na porta, esperando o bezerrinho, vendo o pastor reconduzindo o gado sem o bezerrinho, perguntou onde o havia deixado. O pastor respondeu.

- Está ainda lá comendo; não quis deixar de comer para vir comigo.

O camponesinho então disse:

- Qual o que, eu quero o meu bezerrinho de volta.

Foram juntos ao pasto, mas alguém havia roubado o bezerrinho.

Com certeza se perdeu por aí, - disse o pastor.

Não engulo isso! - respondeu o camponesinho.

E levou o pastor perante o Alcaide; este condenou-o pela sua negligência e obrigou-o a dar uma vaca ao camponesinho em troca do bezerro perdido.

Finalmente, o camponesinho e sua mulher possuíam e tão desejada vaca; regozijaram-se de todo o coração mas, como não tinham forragem e não podiam alimentá-la tiveram de matá-la.

A carne foi salgada e guardada e o camponesinho levou o couro para vender na cidade; com o produto da venda queria comprar outro bezerro. Andou, andou, andou e foi dar a um moinho e lá encontrou um corvo caído, com as asas partidas; ficou com dó dele, apanhou-o e embrulhou-o bem no couro. Mas o tempo estava tão ameaçador, com forte vento e tempestade, que ele não teve coragem de prosseguir e voltou ao moinho pedindo pouso para aquela noite. A moleira estava sozinha em casa e disse ao camponesinho:

- Deita-te aí na palha, - depois, deu-lhe uma fatia de pão com queijo.

Depois de comer pão com queijo, o camponesinho deitou-se com a pele de vaca ao lado e a moleira pensou:

- Esse aí está cansado e dorme tranquilamente.

Nisso chegou o carvoeiro, que foi muito bem acolhido pela moleira.

- Meu marido não está, - disse ela; - hoje quero tratar-me bem.

O camponesinho fez-se todo ouvidos e, ouvindo falar em bom tratamento, zangou-se por o tratarem simplesmente a pão e queijo. Aí a mulher pôs a mesa e trouxe o melhor que podia: assado, salada, broa e vinho.

Tinham apenas sentado à mesa, quando bateram à porta. A mulher exclamou:

- Ah, meu Deus! é meu marido!

Correu a esconder muito depressa o assado dentro do forno, o vinho debaixo do travesseiro, a salada dentro da cama, a broa debaixo da cama e o carvoeiro dentro do armário na sala.

Depois abriu a porta ao marido, dizendo:

- Graças a Deus que já voltaste! Com um furacão desses, até parece que o mundo vai desabar!

O moleiro viu o camponesinho deitado na palha e perguntou:

- Que está fazendo esse fulano aí?

- Oh, - disse a mulher, - o pobre diabo apareceu aqui em meio dessa tempestade e pediu abrigo; então dei-lhe uma fatia de pão com queijo e mandei que se

deitasse aí na palha.

- Não tenho nada contra isso; mas traze depressa algo para comer que estou com muita fome; - disse o homem.

A mulher respondeu:

- Não tenho nada a não ser pão e queijo.

- Contento-me com qualquer coisa, - disse o homem; - que seja pão e queijo então.

Olhou para o camponesinho e gritou:

- O tu, vem fazer-me companhia!

O camponesinho não esperou que o dissesse duas vezes; levantou-se e foi comer com ele. Vendo o couro da vaca no chão, no qual estava embrulhado o corvo, perguntou:

- Que tens aí?

- Aí dentro tenho um adivinho, - respondeu o camponês.

- E pode adivinhar também para mim? - perguntou o moleiro.

- Por quê não? - disse o camponesinho. - Só que ele diz apenas quatro coisas, a quinta guarda-a para si.

O moleiro, cheio de curiosidade, disse:

- Manda que adivinhe.

O camponesinho, então, apertou a cabeça do corvo que grasnou: Crr, crr.

- Que disse ele? - perguntou o moleiro.

O camponesinho respondeu:

- Primeiro: disse que há vinho debaixo do travesseiro.

- Deve ser coisa do Capeta! - exclamou o moleiro; foi ver e achou o vinho.

- Continue, - disse ao camponesinho.

O camponesinho apertou segunda vez a cabeça do corvo e ele grasnou: Crr, crr.

- Segundo: disse que há um assado dentro do forno.

- Deve ser coisa do Capeta! - exclamou o moleiro; foi ver e achou a salada.

O camponesinho apertou outra vez a cabeça do corvo, estimulando-o a vaticinar e disse:

- Terceiro: disse que há salada dentro da cama.

- Deve ser coisa do Capeta! - exclamou o moleiro; foi ver e achou a salada.

Por fim, o camponesinho apertou mais uma vez a cabeça do corvo fazendo-o resmungar.

- Quarto: disse que há broa debaixo da cama.

Os dois, então, sentaram-se à mesa para comer. A moleira, que estava suando frio, pegou todas as chaves e foi para a cama. O moleiro estava curioso por saber também a quinta coisa, mas o camponesinho disse:

- Antes, porém, vamos comer as quatro primeiras

coisas, pois a quinta é um caso complicado.

Depois de comer, negociaram entre si a fim de saber quanto o moleiro devia pagar pela quinta adivinhação, e combinaram que pagaria trezentas moedas. Aí o camponesinho apertou com força a cabeça do corvo, fazendo-o berrar. O moleiro perguntou:

- Que disse ele?

O camponesinho respondeu:

- Disse que dentro do armário da sala, está escondido o diabo.

O moleiro, então, exclamou:

- O diabo tem de ir-se embora daqui.

A mulher teve de entregar-lhe a chave; ele abriu a porta e o carvoreiro fugiu o mais depressa possível. Então, o moleiro disse:

- Eu vi com meus próprios olhos aquele tipo todo negro; era tudo certo.

Na manhã seguinte, era ainda escuro quando o camponesinho tratou de escapular do minho com as trezentas moedas.

Na aldeia, pouco a pouco, o camponesinho foi melhorando de vida; construiu uma bela casinha e os aldeões, intrigados, diziam:

- Com certeza ele esteve onde cai neve de ouro, onde as moedas são recolhidas com a pá dentro de casa.

Então, foi intimado a comparecer perante o Juiz para dizer de onde lhe vinha toda a riqueza. Ele disse:

- Vendi na cidade o couro da minha vaca por trezentas moedas.

Ao ouvir isso, os aldeões quiseram, também beneficiar-se com tal lucro; correram para casa, mataram e esfolaram todas as vacas a fim de vender os couros na cidade com aquele lucro. O Juiz, porém, disse:

- Em primeiro lugar, irá a minha criada.

Quando ela foi à cidade para vender o couro ao negociante, não obteve mais do que três moedas e, quando foram os outros, o negociante pagou-lhes ainda menos, dizendo:

- Que vou fazer com todo esse couro?

Diante disso, os aldeões ficaram furiosos porque o camponesinho os havia logrado e, para vingar-se dele, denunciaram-no ao Juiz como trapaceiro. O inocente camponesinho foi condenado à morte por unanimidade, devendo ser jogado na água dentro de um barril furado. Aí levaram-no para fora e arranjaram-lhe um padre para que lhe rezasse o ofício dos mortos.

Os outros todos tiveram de afastar-se, e quando o

camponesinho viu o padre disse-lhe: Vós tendes de praticar uma boa obra e salvar-me agora do barril.

Justamente, nesse momento, passava por perto o pastor com um rebanho de ovelhas; o camponesinho, sabendo que de há muito ele sonhava em tornar-se Juiz, gritou com toda a força:

- Não, não; isso eu não faço! Mesmo que todo mundo o exigisse, não quero fazer.

Ouvindo-o, o pastor aproximou-se e perguntou-lhe:

- Que tens? O que é que não queres fazer?

O camponesinho respondeu:

- Querem fazer-me Juiz se entrar naquele barril, mas eu não quero ser Juiz.

O pastor então disse:

- É só isso? Para me tornar Juiz entrarei já no barril.

O camponesinho disse:

- Se entrares, ficarás logo Juiz.

O pastor não hesitou, entrou dentro do barril e, bem rapidamente, o camponesinho pregou a tampa; depois foi-se embora conduzindo o rebanho. O padre foi à municipalidade e disse que já havia terminado o ofício fúnebre. Os conselheiros pegaram e rolaram o barril dentro do rio. Quando o barril estava rolando, o pastor ainda gritou:

- Estou bem satisfeito de tornar-me Juiz.

Os outros, pensando que fosse o camponesinho, disseram:

- Assim o cremos nós também, mas antes dá uma espiadinha lá embaixo.

E jogaram o barril dentro do rio.

Depois os aldeões voltaram para casa e, ao chegarem à aldeia, viram o camponesinho conduzindo tranquilamente o rebanho de ovelhas, muito satisfeito.

Os aldeões, admirados, disseram:

- De onde vens, camponesinho? Vens do fundo do rio?

- Naturalmente, - respondeu ele; - eu descí bem, bem, bem no fundo, com um pontapé desmantelei o barril e escapuli; havia lá prados belíssimos com muitas ovelhas pastando; então, trouxe este rebanho comigo.

Os aldeões perguntaram:

- Há ainda muitos rebanhos lá?

- Oh, sim, - respondeu o camponesinho, - mais do que o necessário.

Então, os aldeões combinaram ir todos buscar ovelhas, um rebanho para cada um. Mas o Juiz disse:

- Eu vou primeiro.

Foram todos juntos até ao rio; no céu azul passeavam aquelas nuvenzinhas que, justamente, são chamadas carneirinhos, as quais se refletiam na água, e os

aldeões gritaram:

- Já vemos daqui os carneiros no fundo do rio.

O Juiz adiantou-se e disse:

- Eu descerei primeiro para dar uma olhada; se tudo lá estiver bem, vos chamarei.

Deu um mergulho e a água fez "plump!". Os outros pensaram que ele havia gritado: Bom! e, todos juntos, se precipitaram dentro do rio, empurrando-se e acotovelando-se.

Assim a aldeia ficou despovoada e o camponesinho, único herdeiro geral, tornou-se imensamente rico.

* * *